

Falsos debates do nacionalismo galego

CARLOS MORAIS :: 28/02/2016

El BNG sigue obsesionado con la carencia de la más mínima autonomía de l@s diputad@s de Marea. Son un mero apéndice obediente y sin perfil propio

Nem @s comunistas nem a esquerda independentista galega de carácter socialista pode deixar-se arrastar polo falso debate, nem tomar partido por nengunha das partes no confronto político encistado entre as dúas grandes expresións do nacionalismo galego. Desde a cissom na assembleia do BNG de Ámio [janeiro de 2012] que deu lugar à fundación de Anova, ambas forzas manteñen un pulso permanente pola hegemonía do campo nacionalista.

Contrariamente ao que o relato do BNG alimenta, as divergencias com o partido de Beiras nom som insalváveis, nem de principios. Nom se alicerçan em diferenças políticas e estratégicas profundas. Mais bem som de carácter superficial.

A política de alianças do beirismo com a esquerda espanhola é apresentada polo BNG como unha claudicación do principio de auto-organización, que sería um dos sinais medulares do nacionalismo galego.

Mas o actual éxito electoral das Mareas nom é unha experiencia novidosa na historia do nacionalismo galego. Nas décadas de vinte e trinta do século XX unha parte do galeguismo pactuou electoralmente com as forzas republicanas españolas nos diversos procesos electorais [ORGA, Federación Republicana Galega], e em 1936 o Partido Galeguista que constantemente reclama o BNG como o seu referente fijo parte da Frente Popular, alianza electoral republicana conformada polo PSOE, PCE, Partido Sindicalista, POUM e um conjunto de partidos burgueses republicanos.

Diferencias banales e vergonhas ocultas polo labirinto

Nom vou aqui legitimar unha estratégia política caracterizada polo oportunismo que só procura ocupar o maior espaço de gestom na lógica da ditadura do capital, mas tampouco considero que manter unha alianza electoral com as forzas do reformismo español seja unha claudicación superior a manter acordos de goberno no ámbito municipal e provincial com o PSOE, tal como o BNG mantivo desde 1993 nas principais cidades galegas, renovado agora nas Deputacións Provinciais da Coruña, Lugo e Ponte Vedra.

Os guardians das “essencias do templo nacional-popular” empregam dúas varas bem diferentes à hora de medir a coherencia política das forzas de ámbito galego. Condenam com grossos adjetivos que Anova tenha entregue à socialdemócrata IU um grande poder institucional por meio de AGE, e mais recentemente na Marea, mas guardam silêncio na colaboración do goberno municipal de Ponte Vedra com o exército español.

Ou é mais grave ser apéndice parlamentar de Podemos nas Cortes españolas que facilitar que a BRILAT comemore 50 anos de militarismo imperialista nas ruas de Ponte Vedra com

apoio do buque insígnia da gestom municipal que o BNG apresenta como modélica?

Dana mais o desenvolvimento da consciência nacional e de classes compartilhar bancada com os de Pablo Iglesias que participar com absoluta normalidade, entre tricórnios, crucifixos e bandeiras espanholas, nos atos de exaltação da Hispanidade por parte de Evencio Ferrero em Carvalho?

É mais grave para reforçar o chauvinismo facilitar a recomposição da socialdemocracia populista hispana ou participar alegremente entre o som da marselhesa e bandeiras tricolores na defesa dos “valores republicanos franceses” seguindo o guiom imposto pelo imperialismo após os opacos atentados de Paris de novembro?

Nom só nos achamos perante um debate artificial, as posições estão completamente banalizadas e pragadas de enorme demagogia. Nom há divergências antagónicas entre o que defende Paco Rodríguez e Xosé Manuel Beiras. Som culturas políticas diferentes, estilos distintos, leituras da realidade nom coincidentes e basicamente umha pugna pola direção política do nacionalismo o que tem provocado o choque de comboios. Umha competência pola hegemonia condicionada polos êxitos e fracassos nas urnas, sempre enquadrada na lógica do taticismo eleitoralista que caracteriza a falsa acumulação de forças de um nacionalismo galego que por muito que afirme de forma esporádica ter realizado umha viragem face posições soberanistas, no seu cerne segue sendo patologicamente anti-independentista no caso do primeiro e simples decoração trivial no segundo.

Grupo parlamentar galego

Durante meses ambos pólos estiverom enredados na fórmula de concorrer às eleições de 20 de dezembro passado.

Atingir “grupo parlamentar galego” converteu-se no objetivo, e nom no instrumento para agir de alta-voz das reivindicações galegas e deslegitimação do corrupto e antidemocrático regime postfranquista que oprime a nação galega e explora o povo trabalhador.

Ainda hoje o BNG segue obcecado com a carência da mais mínima autonomia d@s deputad@s da Marea. Sem lugar a dúvidas som um mero apêndice obediente e sem perfil próprio da bancada podemita, mas isto é bastante intrascendente pois o BNG converte num fetiche contar com representação galega nas Cortes espanholas. Como se o balanço da sua presença durante duas décadas seja para lançar foguetes.

Realmente serve para bem pouco sentar militantes no Congresso espanhol, salvo para obter financiamento e lograr uns minutinhos ao mês nos telejornais sobre questões menores na maioria dos casos.

O fundamental é organizar povo, gerar conflito social, movimentar setores populares e incrementar o nível de consciência de classe e nacional mediante firmeza ideológica, evitando reproduzir a linguagem, as categorias e o relato do inimigo.

Hoje o âmbito prioritário da luta som as ruas e nom investir grandes energias e os melhores quadros no parlamentarismo burguês. O imenso poder que exercem os meios de [des]informação e de propaganda capitalista nom se combatem alimentando o circo eleitoral e a institucionalidade burguesa.

Nada devemos esperar

As duas linhas a debate na XV Assembleia Nacional constatarem unicamente diferenças de matiz respeito a que fazer para frear a hemorragia eleitoral que desangra o BNG desde 2001. Tanto a tese oficial como as alternativas sob a fórmula de “votos particulares” procuram idêntico objetivo: recuperar o espaço eleitoral perdido, evitando ser fagocitados pola Marea. Pretendem aplicar o melhor torniquete que logre o cessamento do longo ciclo de declive da força institucional atingida e divórcio com os setores mais dinâmicos da sociedade, a dia de hoje abduzidos pola ilusionismo eleitoral de poder aplicar mudanças substanciais no regime postfranquista a golpe de inserir papeletas na urnas.

Umha leitura pormenorizada dos documentos nom acha em lado algum posições antagónicas, tam só divergências salváveis respeito à política de alianças e ao modelo organizativo do BNG.

Salvo inconcretas boas declarações de intenções, contraditórias e timoratas reclamações soberanistas e a tradicional indefinição respeito ao modelo social com as tópicas críticas socialdemocráticas ao neoliberalismo, nom existe a mais mínima vontade de mudar umha estratégia política caracterizada pola combinação de um discurso minimamente avançado e grandiloquente e umha prática pragmática e possibilista, carregada de contradições in terminis que impossibilitam que o BNG compita com as Marelas ou ocupe o espaço da esquerda ruturista. Nem carne nem peixe!

A competição pola hegemonia do campo do reformismo autóctone nom deve enlamar a recomposição do espaço da esquerda revolucionária galega. A dia de hoje nom existem possibilidades reais de avançar na construção de um Pólo Patriótico ruturista entre as forças situadas no campo do soberanismo e a esquerda, porque as prioridades do BNG e de Anova som ocupar espaço institucional para incrementar as competências autonómicas que Espanha tem congeladas e que a Galiza tenha peso próprio numha reforma constitucional que atualize o pacto da transição.

As tarefas imediatas do comunismo galego som avançar na recomposição do movimento de libertação nacional para contribuir para a abertura de um ciclo de lutas que permita passar à ofensiva para construir umha nova sociedade num País soberano.

<https://galiza.lahaine.org/falsos-debates-do-nacionalismo-galego>